

# REALISMO CRÍTICO E DESENVOLVIMENTO RURAL NO SUL DA ÍNDIA\*

Subramaniyam Venkatraman

## Resumo

Trabalhos sobre desenvolvimento sempre foram ditados por uma abordagem empírico-realista que gerou poucas melhorias na qualidade de vida dos pobres. Um trabalho em curso acerca do desenvolvimento rural no Sul da Índia propõe uma alternativa. Este paper elabora tal trabalho, que faz uso de uma abordagem crítico-realista.

## Abstract

Development work in India has always been dictated by an empirical realist approach which has led to little improvement in the quality of lives of poor. An ongoing development work in rural South India proposes an alternative. The paper elaborates this work which makes use of CR approach.

## Introdução

A Índia é uma das nações que mais crescem no mundo da tecnologia informática e do comércio virtual. Políticos indianos acreditam agora que a dura situação sócio-econômica relativa à pobreza, desnutrição, analfabetismo, escassez

---

•Tradução de Cynthia Hamlin (UFPE).

de água, infra-estrutura de saúde deficiente, etc., pode ser resolvida através da construção de grandes parques de informática. Na realidade, entretanto, o progresso tem ocorrido a passos lentos. A satisfação de necessidades humanas básicas aos milhões que vivem abaixo da linha de pobreza! está longe de ser alcançada. A parcela mais pobre da população sofre de problemas de saúde, desnutrição!, falta de acesso a água potável, analfabetismo e evasão escolar", mortalidade infantil, más condições sanitárias, insegurança no que diz respeito à alimentação e aos empregos, etc. Enquanto que muitas agências de desenvolvimento, tais como a OMS, UNICEF, PNUD e o Banco Mundial, esperam que a situação melhore através da doação de mais dinheiro e de outros recursos, o governo encontra-se numa encruzilhada, buscando novas explicações e esperando que o *boom* da informática amenize a situação.

O ponto importante de preocupação aqui é que a maioria dos esforços de desenvolvimento, senão todos, são levados adiante através de grandes ONGs que se localizam em áreas geográficas particulares e que desenvolvem linhas específicas de trabalho, como saúde, educação, meio ambiente, etc. Na última década, muitos destes esforços foram guiados por um paradigma de desenvolvimento dominante que se espalhou pelo país como um vírus. Este paradigma é, cada vez mais, imposto pelas agências de financiamento aos seus parceiros ingênuos, ao insistirem no uso de tal abordagem através de ameaças indiretas de não-adesão, que resultam em perda de financiamento. Os métodos questionados aqui são conhecidos pelo nome de métodos "participativos", havendo sido introduzidos na Índia no campo da agricultura e, desde então, tem se disseminado e permeado todas as áreas de programas de desenvolvimento neste país. Em resumo, pode-se dizer que a maioria dos esforços de desenvolvimento dependem do "método participativo". No entanto, a realidade apresenta um retrato diferente - a mulher ou o homem rural típico que vive abaixo da linha da pobreza,

---

1 Como um guia de trabalho, o Programa Integrado de Desenvolvimento Rural (IRDP) do governo indiano estabeleceu que qualquer renda familiar mensal menor do que 500 rúpias (equivalente a cerca de 11 dólares americanos), deve, grosso modo, ser considerada como constituindo a linha de pobreza. Em 1993-94, a percentagem de pessoas abaixo da linha de pobreza, na Índia, foi estimada em 36% da população o que, em números absolutos, significa cerca de 320 milhões de pessoas.

2 Não é incomum encontrar, na maioria dos estados do país, desnutrição moderada em cerca de 45% da população, e entre 4 e 8% de desnutrição severa.

3 As taxas de analfabetismo e evasão escolar são mais altas entre as mulheres devido, principalmente, a razões históricas e tradicionais da Índia. No censo indiano de 1991, a taxa de analfabetismo entre todas as mulheres do país foi de 39,4.

ou não tem o conhecimento necessário, ou não sabe usá-lo, ou lhe é negado o acesso ao conhecimento e aos recursos criados pelos programas de desenvolvimento em saúde pública, educação primária, questões ambientais, cuidados com mães e crianças, nutrição e direitos humanos. Eles têm muito pouco conhecimento sobre o que são estes programas ou quais as informações disponíveis, como e o que deve ser fornecido, como se deve acessar os programas ou usar as informações disponíveis e os equipamentos fornecidos.

Este artigo mostrará porque o realismo crítico pode ser uma ferramenta útil na pesquisa de desenvolvimento aplicada. Ao fazê-lo, demonstrará as fraquezas da popular "abordagem participativa", assim como da fixação contemporânea, por parte das agências de desenvolvimento e dos pesquisadores indianos, na idéia de que a "abordagem participativa" constitui o único método disponível capaz de ser bem sucedido em pesquisas de desenvolvimento. Argumentar-se-á que tal fixação corre o risco de emaranhar-se no jargão, desconsiderando os processos reais, de perder as mudanças concretas que estão ocorrendo na vida das pessoas em favor de uma ênfase ritualística em uma teoria amplamente divulgada. O que o artigo tentará estabelecer é que, embora, em si mesmo, não haja nada errado com a necessidade de se assegurar a participação das pessoas, deve-se tomar cuidado para não cair na armadilha de uma abordagem empírico-realista. Neste sentido, deve-se mover do nível dos eventos e regularidades observados em direção a um nível "mais profundo", de forma a se explicar os eventos observados e identificar os mecanismos causais que dão origem aos fenômenos observados. O artigo baseia-se em uma pesquisa atualmente em curso em um "bloco de desenvolvimento?" de um distrito do estado de Tamilnadu, sul da Índia. O trabalho está sendo desenvolvido em 58 municípios e envolve quase 70 homens e mulheres, principalmente das Castas de Emendas (conhecidas anteriormente como as "castas dos intocáveis"). O artigo levanta determinadas questões e não se propõe a estabelecer quaisquer conclusões finais neste estágio, visto que depende da finalização do trabalho em curso.

## **O histórico**

*O nome do bloco de desenvolvimento referido anteriormente é "Anukkavoor", e o distrito. Tiruvannamalai.*

---

4 Um bloco de desenvolvimento, ou *Panchayat Union*, corresponde, grosso modo, a uma área usualmente habitada por uma população que varia de 60.000 a 100.000 habitantes.

5 Castas de Emenda (*Scheduled Castes*) e Tribos de Emenda (*Scheduled Tribes*) constituem aquelas castas e tribos listadas nas respectivas emendas da constituição da Índia.

Tamilnadu é o estado mais ao sul da Índia, delimitado a norte e oeste por montes, e a sul e leste, pelo mar. Grandes rios fluem de oeste para leste através da porção sul, drenam as chuvas das monções para o mar, criando um vale fértil, separado por planícies. Enquanto que as áreas alagadas produzem principalmente arroz e cana-de-açúcar, as áreas secas produzem principalmente legumes, cereais e forragem. De acordo com o censo de 1991, Tamilnadu é um dos estados indianos mais urbanizados; apesar disso, a maioria da população (quase 66%) vive nas áreas rurais ou em pequenas cidades que constituem centros comerciais, administrativos e religiosos.

Antes de discutir o trabalho do *Anukkavoor*, descreverei brevemente a estrutura social que prevalece na Índia e como ela difere daquela de Tamilnadu. A "casta tem sido descrita como a instituição social fundamental da Índia ... o termo é usado metaforicamente para se referir a distinções sociais rígidas ou exclusão social extrema onde quer que seja encontrada" (Beteille, 1996a). A sociedade indiana é dividida em quatro castas principais, com base no princípio Hindu antigo conhecido como *varna* (cor) e *jati*. "Enquanto que o *Varna* refere-se a um modelo, plano ou desenho ideal de sociedade, o *jati* refere-se aos grupos reais com os quais as pessoas se identificam e com base nos quais interagem com as outras" (Ibid.). Desta forma, a sociedade é dividida na casta sacerdotal dos Brâmanes, que se encontram no alto da pirâmide social, seguidos pelos guerreiros *Kshatriyas*, os comerciantes *Vaishyas* e os *Shudras*, que forma a casta dos serviçais. Aqueles que vivem fora desta estrutura eram considerados os "intocáveis". "Ser um intocável no sistema indiano de castas é estar muito baixo na, e parcialmente excluído da, elaborada ordem social hierárquica. Pessoas intocáveis são grupos discretos de castas baixas, excluídas de relações particulares com seres mais elevados (tanto humanos quanto divinos), em virtude de sua impureza coletiva" (Michael, 1999: 12). Os grupos das castas dos intocáveis perfazem cerca de 16% da população da Índia, ou seja, cerca de 160 milhões de pessoas. Os intocáveis têm sido chamados por diversos nomes, no entanto, o termo "*dalit*", que é utilizado hoje em dia, implica "uma condição de sub-privilegiamento e privação de direitos básicos e refere-se a pessoas que são suprimidas em função de seu nascimento inferior" (Ibid.: 13).

Os *dalits* de Tamilnadu são divididos, grosso modo, em três sub-grupos: os *Paraiyars*, os *Pallars* e os *ChakkiLiyars* (c.f. Singh, 1999). A maioria dos *dalits* não possuem terras e trabalham como camponeses nas terras das castas mais altas. Em Tamilnadu, em termos práticos, a divisão *quadripartite* tradicional da sociedade não existe. Ao invés disso, existem os Brâmanes, os não-Brâmanes e os *dalits*. As castas não-Brâmanes subdividem-se em uma quantidade de sub-grupos, entre os quais se encontra a grande casta agrária proprietária de terras do sul da Índia.

A posição econômica de um indivíduo nas áreas rurais é grandemente dependente de sua casta de afiliação e das vantagens que se tem sobre outros, e que decorrem do simples fato de se pertencer ao sistema varna. Numa escala nacional, a Índia está, atualmente, testemunhando atrocidades sem precedente contra os *dalits*, particularmente as mulheres.

Uma tal divisão social baseada na posição de casta é ainda elaborada em função da maneira pela qual uma cidade é estruturalmente organizada. Os grupos sociais pertencentes aos Brâmanes e aos não-Brâmanes (especialmente as castas mais ricas, proprietárias de terras) vivem em um espaço físico definido conhecido como a vila da casta principal ou "*oor*". Os *dalits* vivem em um estabelecimento satélite conhecido como "*kaalani*" (do termo inglês *Colony*, ou colônia) que é fisicamente separado da vila da casta principal. Além destas duas divisões, muitas vilas de castas também têm outros estabelecimentos satélite nos quais outras castas não-Brâmanes, mais pobres do que as primeiras, vivem.

Após esta breve discussão da situação da sociedade do sul da Índia, especificamente no que se refere à zona rural, farei uma breve avaliação dos limites do "método participativo" no contexto indiano e mostrarei como o realismo crítico provê, em teoria, uma abordagem alternativa.

## Realismo crítico e os métodos de avaliação **rural** participativos

Os métodos participativos' (popularmente conhecidos na Índia como método *PRA-Participatory Rural Appraisal*, ou Avaliação Rural Participativa, e método *RRA-Rapid Rural Appraisal*, ou Avaliação Rural Rápida) originaram-se nos anos 70 como uma resposta a um modelo altamente prescritivo. Baseados em abordagens desenvolvimentistas sensíveis aos contextos locais e desenvolvidas "de baixo para cima" (*bottom-up*), terminaram por cair no mesmo buraco que as abordagens positivistas. A maior contribuição da pesquisa participativa veio do trabalho dos fenomenologistas. "Estas contribuições legitimizavam a *experiência como a base do conhecimento*" (Solomon, 1987) (ênfases minhas). "Isto atribuiu o ímpeto a se considerar emoções e sentimentos humanos como formas válidas de conhecimento, ao lado das ações e da cognição. Os fenomenologistas ... [reconheceram] o conhecimento experiencial como uma forma legítima de conhecimento que podia influenciar a prática" (Kolb, 1984). Em outras palavras,

---

<sup>6</sup> *Oor* é uma palavra Tamil e, numa tradução literal, significa "um lugar onde as pessoas vivem".

<sup>7</sup> Para uma discussão detalhada sobre os métodos de avaliação rural participativa veja Chambers (1983; 1992), Tandon (1996), Pria (1987) e Search (1992).

esta posição, acredito, encontra-se muito próxima à posição empírico-realista (ER).

O realismo crítico (RC) fala de uma "ontologia estratificada ou em camadas", em oposição à abordagem do realismo empírico, que define o mundo como consistindo de objetos, eventos e regularidades atômicas observáveis. O RC distingue entre o mundo e nossa experiência do mesmo. Também distingue o real (*real*) do actual (*actual*) e do empírico (*empirical*) (Bhaskar, 1975). Bhaskar caracteriza o realismo empírico da seguinte forma:

*Dizer que toda concepção de ciência pressupõe uma ontologia é dizer que a ciência abomina um vácuo ontológico. O empirista preenche o vácuo que ele cria com seu conceito de experiência. Desta forma, uma ontologia implícita {...} é gerada. Em primeiro lugar, o conhecimento é reduzido ao conhecimento de eventos atômicos apreendidos na experiência sensível. Em segundo lugar, estes eventos são identificados como os particulares do mundo. Desta maneira, nosso conhecimento da realidade é literalmente identificado, ou, na melhor das hipóteses, considerado em termos de uma correspondência isomorfa, com a realidade conhecida pela ciência. {...} A falácia epistêmica, assim, encobre ou disfarça uma ontologia baseada na categoria de experiência, e um realismo baseado nas presumidas características dos objetos da experiência, ou seja, eventos atômicos, e suas relações, ou seja, conjunções constantes. (Bhaskar, 1975: 40-41).*

*O realismo Crítico, por outro lado, fala do real, do actual e do empírico, sendo que o "real" refere-se às estruturas e poderes dos objetos, o "actual" ("actual") refere-se àquilo que ocorre se e quando aqueles poderes são ativados, ao que eles fazem e ao que ocorre quando eles o são, e o "empírico", que é definido como o domínio da experiência {...} {O realismo crítico pode falar} do real ou do actual, embora seja contingente que conheçamos o real ou o actual. A observabilidade pode nos tornar mais confiantes acerca daquilo que acreditamos existir, mas a existência, em si, não depende da mesma (Sayer, 2000: 11-12).*

Isto significa que podemos observar uma vila, suas choupanas, poços e açudes, podemos observar uma mulher *dalit*, grávida, carregando água. Mas o que não observamos é que a mulher grávida não é capaz de trabalhar na lavoura. Como resultado, ela é incapaz de comer alimentos nutritivos, sofrendo, por isto, de anemia. Isto, por seu turno, é passível de gerar má-nutrição do feto, resultando em um bebê prematuro ou em um bebê nascido abaixo do peso. Este último fato é passível de gerar desnutrição severa, assim como alguma forma de deficiência na criança. O que também não podemos ver é o fato de que, porque ela é uma mulher *dalit*, e a maioria das mulheres *dalit* são impedidas de usar certos poços da vila da casta principal, ela deve andar uma distância razoável para pegar água e coletar madeira para cozinhar. Esta rotina cansativa, juntamente com suas tarefas

domésticas diárias (observáveis), como lavar, cozinhar e limpar, além da estigmatização social, leva a uma deteriorização de suas condições de saúde que podem levar ao nascimento de uma criança severamente mal-nutrida, com todos os riscos correlatos que tal situação pode levar consigo.

*Uma implicação crucial desta ontologia é o reconhecimento da possibilidade de que poderes podem existir ainda que não exercidos e, assim, que o que ocorreu ou aquilo que se sabe que aconteceu (mulher carregando água de um poço) não exaure o que poderia acontecer ou ter acontecido (a estigmatização social que leva ao estresse físico, que ela sofre de anemia e que é provável que dê a luz a uma criança abaixo do peso, mal-nutrida, ou natimorta). Uma ontologia realista torna possível. portanto, entender como podemos ser ou tornarmo-nos muitas coisas (neste contexto, significa buscar os mecanismos causais subjacentes; reconhecer o real, o factual e o empírico) (Sayer, 2000: 12. Meus comentários em itálicos)*

A enorme popularidade da abordagem PRA deve-se às seguintes razões: I) ela é altamente prescritiva; II) afirma conhecer "o que as pessoas realmente sabem ou pensam" através de técnicas de campo simples e pré-determinadas; III) consome menos tempo [que outras abordagens]; IV) é uma abordagem do tipo "faça você mesmo", que pode ser ensinada a todos os funcionários de campo dos departamentos de governo e, V) oferece soluções prontas com base nos dados coletados através de técnicas participativas. Não é de se admirar que uma abordagem de implementação tão fácil, que se baseie puramente na "experiência" e "no que é observável", tenha "pegado" em muitas agências de desenvolvimento. De fato, a situação tem piorado tanto que todas as agências doadoras (particularmente o DFID, o Banco Mundial e o UNICEF), assim como os departamentos de governo, ao mesmo tempo em que encorajam propostas de trabalho, insistem, em seus formulários, que qualquer agente/indivíduo deve usar, em sua proposta, métodos participativos, tais quais escalonamento matricial (*matrix-ranking*), linha do tempo (*time Une*), mapeamento de recursos (*resource-mapping*), etc. Não existe espaço para outras metodologias ou teorias! O PRA tomou-se uma verdadeira panacéia para todos os males do desenvolvimento. Atualmente, o uso de métodos participativos assumiu uma dimensão tão ridícula que duas pessoas conversando em uma sala, ou uma simples sessão de perguntas e respostas em um grupo, são descritos como pesquisa participativa! O trabalho ora em questão refere-se ao uso do conhecimento em um trabalho aplicado. Nos esforços de desenvolvimento indianos, conhecimento é percebido como algo que pode ser determinado através do uso de ferramentas simples como os métodos PRA. Em outras palavras, aquilo que se observa e aquilo o que o

informante diz é o conhecimento "real"<sup>8</sup>. Isto, como mencionei anteriormente, levou a algumas confusões na implementação do trabalho de desenvolvimento local.

Da perspectiva do desenvolvimento na Índia, a maioria dos trabalhos de intervenção de desenvolvimento visa a mudança de comportamento entre os beneficiários. Isto é, fazer as pessoas pobres entenderem, descobrirem e fazerem uso das iniciativas de desenvolvimento das diversas agências de desenvolvimento e ÜNGs. Por exemplo, uma mulher deveria saber da importância de se dar a luz em um centro de saúde, ao invés de fazê-lo em casa. Ela deve conhecer as vantagens do parto institucional e os riscos envolvidos no parto em casa, invariavelmente conduzido por velhas parteiras não-treinadas. A realidade, no entanto, apresenta-se de forma diferente. Assim, é necessário entender o contexto de tal comportamento, o conhecimento que leva a determinadas práticas, os mecanismos causais subjacentes que geram tais fenômenos observáveis, e tentar quebrar a tendência em questão, aumentando os níveis de conhecimento a partir do próprio indivíduo/comunidade, especialmente dentre os menos favorecidos, como os *dalits*.

É verdade que uma mulher *dalit* representa o grupo oprimido e sub-privilegiado; mas isto não significa que o conhecimento que ela tem, relativamente a cuidados pré-natais ou a puericultura (como dar a luz em casa, rezar para a saúde e o bem-estar da criança doente, ou levar a criança ao curandeiro local), será útil para salvar sua criança doente. Visões simplistas, tais como as encontradas em alguns escritos hermenêuticos e sócio-antropológicos que assumem que a sociedade é como um texto, requerendo apenas interpretação de seus significados, ou que assumem que as interpretações dos atores representam o mundo como ele é, só fazem complicar ainda mais a questão. Por exemplo, uma mãe ruralita pobre deve saber da importância de se aplicar todas as doses de vacinas durante o primeiro ano da criança. Não podemos considerar suas visões acerca do destino ou da maldição de um espírito do mal como sendo a verdade e ficarmos quietos. Uma mera interpretação deste evento como sendo único, ou como uma narrativa, é muito pouco para se compreender porque ela não está efetuando um passo importante no sentido de assegurar a sobrevivência de seu bebê. Mesmo um conselho ou um auxílio vindo de uma perspectiva humanística, a partir de uma visão empática, não será suficiente neste caso. Isto porque tal situação tem consequências muito mais profundas do que pode parecer à primeira vista. Quem ajudará a mulher da próxima vez, quando uma situação semelhante surgir? Da

---

<sup>8</sup> Para um comentário interessante acerca de posições feministas e subalternas, veja Sayer (2000: 52).



mesma forma, famílias pobres não proprietárias de terras devem entender que as meninas não representam, realmente, um fardo, e devem deixar de ser indulgentes com as práticas infanticidas femininas". A lista continua. Desta forma, é necessário que a abordagem leve em consideração uma compreensão adequada do conhecimento [dos atores], seu contexto, como e porque certos conhecimentos são utilizados, rejeitados, ou têm seu acesso negado.

Em um país cuja população se aproxima de um bilhão de pessoas, das quais mais de um terço vivem abaixo da linha de pobreza, duas questões aparecem como cruciais: I) a provisão de necessidades básicas como saúde, nutrição adequada, educação, oportunidades iguais para todos, água potável e saneamento básico; II) a conscientização acerca da utilidade de certas informações, o desenvolvimento de habilidades que possam ser úteis para a manutenção e liberdade do uso de tal conhecimento. Frequentemente, a análise de tal situação começa pela listagem do que deu errado no planejamento ou implementação dos projetos ou, como é o caso das "abordagens PRA", por aquilo o que as pessoas sabem e querem. Mas tais abordagens frequentemente não levam em conta os vários fatores subjacentes que determinam o que as pessoas sabem ou como elas usam seu conhecimento. A popularidade do método PRA repousa em sua abordagem de "livro de receitas"!, altamente pré-determinada. Em outras palavras, a maioria dos trabalhos sobre desenvolvimento no contexto indiano não considera o envolvimento real e efetivo da comunidade, falhando, assim, em gerar o tão desejado envolvimento comunitário. As poucas histórias bem-sucedidas que alegam ter tido o envolvimento da comunidade local frequentemente se devem ao trabalho de alguma ONG que conseguiu verbas de agências de financiamento externo e que trabalham em questões bastante específicas. Muitas vezes, estes financiamentos são temporalmente pré-determinados e dirigidos para um fim específico. Isto é, o resultado esperado ao final da duração do projeto já é pré-determinado. Frequentemente, chega-se a isto através de ferramentas-padrão de pesquisa, como a enquete de base (*baseline survey*), que é medida ao final do projeto através de uma avaliação final (*tendline evaluation*). Assim que a área a ser financiada é determinada, a verba é repassada para a ONG, seja diretamente, seja através de algum departamento de governo<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Em Tami Nadu, assim como na maioria do país, as meninas são consideradas uma carga para as famílias rurais pobres. A prática do dote força muitos pais e mães a matarem a criança se ela for do sexo feminino. Esta prática é particularmente pronunciada dentre os grupos proprietários de terra na área montanhosa do leste de Talminadu.

<sup>10</sup> Tomei esta expressão emprestada de Sayer (2000).

<sup>11</sup> Não é mesmo incomum encontrar fins sociais "mensuráveis" no início de um projeto de desenvolvimento!

Tais tentativas envolvendo ONGs conseguiram um certo grau de sucesso no passado. No entanto, tais sucessos são frequentemente passageiros ou geram diversos outros problemas. As ONGs dependem de financiamento de projetos para se manter. Se o financiamento pára, a ONG tem que abandonar sua área ou minimizar suas atividades. Em outras palavras, o que uma ONG faz, quando existe financiamento adequado, é dar assistência à comunidade, no sentido de fazer com que o financiamento atinja o seu destino. Embora isto pareça um benefício à comunidade, gera uma dependência muito grande por parte desta última, já que pouca ênfase é dada no sentido de se tentar compreender a comunidade e as razões sociais para não se utilizar da informação disponível, assim como outros fatores econômicos, culturais e políticos correlatos que levam à negação, por parte de alguns atores, a adquirir conhecimento. Como resultado, alguns setores da comunidade adquirem muito pouco conhecimento ou as habilidades requeridas para a utilização da informação necessária à sua sobrevivência. Em pouco tempo, as pessoas se habituem aos esforços assistencialistas da ONG e deixam de aprender qualquer coisa durante o período de execução do projeto. As comunidades tornam-se, pouco a pouco, acostumadas com as ONGs. Por exemplo, em projetos envolvendo a formação de grupos de mulheres a fim estabelecer atividades de geração de renda e de pequenas poupanças, que são, em princípio, esforços no sentido de *empoderar* as mulheres, as ONGs virtualmente as guiam, representando um tipo de assistencialismo. Elas fazem muito pouco no sentido de envolver e educar as mulheres em relação aos seus direitos, desenvolver o conhecimento e as habilidades necessárias em áreas como saúde materna, educação das crianças, ou capacitá-las a acessar tais serviços do governo. A razão para isto é a percepção de atividades econômicas como os principais meios de *empoderamento*, em detrimento de outros *inputs*, como saúde, nutrição e educação. Em tais contextos, quando os agentes financiadores falam de uma estratégia de afastamento pela ONG, a maioria das ONGs ficam chocadas. A transformação dos papéis não se reduz a atividades econômicas, mas se estende a outras atividades, sociais, culturais, políticas, históricas e ambientais. Na maioria das situações, nem as ONGs se preocupam com isto, nem os grupos de mulheres e suas federações estão prontas para tais tarefas. O trabalho deve ser visto de maneira holística. Deve-se trabalhar holisticamente através do indivíduo e da comunidade". Apenas assim tais esforços serão sustentáveis. Na ausência de tal abordagem, mesmo os esforços mais bem-intencionados serão desperdiçados na medida em que dar continuidade aos mesmos depois que a ONG deixar o cenário, torna-se uma tarefa difícil.

De maneira semelhante, os esforços de desenvolvimento dedicam pouca

---

12 Acerca da relação entre indivíduo e sociedade no RC, veja Bhaskar (1979).

atenção ao contexto no qual o conhecimento é utilizado, comunicado ou assimilado. De forma a identificar e compreender o conhecimento, deve-se abordá-lo de perspectivas econômicas, sociais, culturais, políticas e ambientais. Ao fazê-lo, evita-se parar em uma mera análise "empiricamente informada", ou cair na armadilha de abordagens pós-modernas. Por outro lado, métodos como a avaliação rural participativa (PRA), que afirmam poder captar o conhecimento "real" das pessoas através do uso de exercícios simplistas, como o desenho do mapa da vila, ou pedir às pessoas que ordenem suas de preferências a fim de decidir o que as pessoas "realmente querem", simplificaram excessivamente a questão do desenvolvimento devido ao pressuposto de que informações adquiridas através uso dos sentidos são "reais", negando, assim, a possibilidade de adentrarem mais profundamente nas razões, processos e contextos subjacentes.

Nas páginas seguintes, descreverei as principais características do trabalho que estou desenvolvendo e como o mesmo tem informado as ações da comunidade.

## O trabalho em curso no bloco de desenvolvimento de *Anukkavoor*

O trabalho no *Anukkavoor* nunca foi planejado, ou mesmo concebido, até o dia em que, acidentalmente, conheci seus habitantes durante uma visita àquele bloco a fim de assistir a um festival de teatro folclórico de três dias, em maio de 1999. A reação impressionante dos habitantes da vila e o curso dos eventos levaram-me a acreditar que um trabalho de desenvolvimento sustentável e durador não é um sonho distante, mas uma possibilidade certa. Sem nenhum financiamento substancial de qualquer agência de desenvolvimento, órgão de governo ou ONG, o esforço de *Anukkavoor* tem mostrado que, na medida em que as pessoas adquirem o conhecimento e informação adequados sobre diversas questões de desenvolvimento, a próxima etapa lógica no processo será o pensamento que leva a uma ação que é tanto eficaz, quanto sustentável. A parte difícil do processo é como percebemos o que é este conhecimento, e como relacioná-lo ao *empoderamento* dos pobres.

O bloco de desenvolvimento de *Anukkavoor* é um dos 18 blocos que constituem o distrito de *Tiruvannamalai*. O distrito situa-se na parte norte do estado, sendo predominantemente agrário. O sempre seco rio *Palarcorta* o distrito, fazendo fronteira com pequenos montes ao norte e ao sul. O bloco *deAnukkavoor* encontra-se no lado leste do distrito. A população total do bloco é, de acordo com o censo de 1991, de 75.865 habitantes.

O bloco não apresenta uma rede de comunicação eficiente, como boas estradas, eletricidade e disponibilidade de tecnologia moderna, como computadores, fax e internet. Estradas ruins e serviços de ônibus pouco frequentes afetam a vida

de muitos nas vilas.

No bloco de Anukkavoor, a maioria das "colônias" e "*hamlets*" *dalits* situam-se entre cerca de um ou dois quilômetros das vilas das castas principais. Dado que a maioria das castas proprietárias de terras e de mercadores vivem na vila principal, elas são abençoadas com recursos básicos como acesso a serviços de transporte urbano, eletricidade, água potável, escolas primárias e secundárias, centros de nutrição para crianças menores de cinco anos, bancos, telefones e serviços de televisão a satélite. A situação nas "*colônias*" e nos "*hamlets*" *dalits* é, invariavelmente, o oposto de tudo isto.

Durante minha primeira visita ao bloco, fui apresentado a alguns de seus habitantes. Dado que a maioria deles eram *dalits*, decidi explorar a possibilidade de descobrir mais sobre a vida dos *dalits* naquela área. Após falar com os voluntários (o termo que eles preferem) sobre desenvolvimento, eles vieram a mim a fim de unirmos nossos esforços, sem esperar nenhum favor. Embora isto pareça simples no papel, levei quase três meses para estabelecer o *raport* necessário e convencer os voluntários de que o trabalho de desenvolvimento não envolve "receber dinheiro e construir grandes obras", mas conseguir informação e clareza no conhecimento de forma a que se possa requerer os serviços dos órgãos competentes, como o governo. Eles também começaram a entender que este seria um processo lento e que não haveria ações visíveis, como a construção de prédios. Esta abordagem cautelosa foi necessária porque, como resultado de anos de iniciativas de desenvolvimento governamentais baseadas em incentivos constantes, gerou-se uma situação que levou as pessoas a acreditar que, para que se conheça sobre saúde ou para que se utilize um centro de nutrição, o governo ou as üNGs devem fornecer algum tipo de incentivo, seja em dinheiro, seja em bens. Outro aspecto que tive a oportunidade de perceber durante este período foi que todos os esforços de desenvolvimento empreendidos até então, levaram as pessoas a acreditar que todas as iniciativas, como cuidados com a saúde ou educação, eram efetuados pelo governo e por outros porque eles recebiam dinheiro para fazê-lo. Embora os habitantes da vila soubessem da existência de diversos programas de desenvolvimento, eles não conseguiam conhecer mais sobre estes programas, ou saber como se beneficiar deles. Isto ocorre devido à confusão, por parte dos funcionários de desenvolvimento, acerca de como o conhecimento é recebido e disseminado, particularmente no contexto indiano rural. A Índia é um país de muitas culturas e tradições. No entanto, no passado, muitos analistas sociais perceberam-na como sendo única. Com base no que os pensadores estrangeiros viam, eles chegaram à conclusão de que a Índia era homogênea e que deveria ser estudada como uma entidade única. Mas um olhar mais atento a esta questão mostrará que o que aconteceu aqui, aconteceu em todos os lugares. Toda sociedade está constantemente interagindo com o mundo exterior, direta ou indiretamente, e,

como resultado, a assimilação de conhecimento ocorre. O velho e o novo podem existir simultaneamente, ou se combinar e formar novas formas de pensamento. Na Índia, a situação não é diferente. No entanto, no cenário do desenvolvimento, ou se rejeita totalmente o conhecimento autóctone como redundante porque ele é inferior ao "conhecimento científico ocidental" (categorização do conhecimento a partir das noções de "oriente" e "ocidente"), ou se submete totalmente ao conhecimento local, romantizando, assim, a questão. Os *mantras "new age"*, como métodos pós-modernos ou participativos, são produto de tais visões cegas e simplistas. Ao contrário, o conhecimento dos indivíduos não cai em nenhuma destas categorias. É algo que se usa e adquire cotidianamente e que se passa a outros. Ele ajuda o indivíduo a interagir com o mundo material, com os outros, e provê o indivíduo/grupo com as competências e habilidades necessárias a sua sobrevivência. No entanto, existem outras questões, mais profundas, como razões estruturais, históricas, culturais e políticas que atuam como constrangimento sobre alguns grupos desprivilegiados, como os *dalits*, no sentido de não possibilitar a aquisição do conhecimento necessário à sua emancipação e ao estabelecimento da igualdade. A conscientização acerca da vida e dos direitos da pessoas, assim como equipá-las com as competências necessárias, é um processo lento que demanda tempo e esforço.

Neste sentido, era necessário estabelecer o que as pessoas já sabiam, quais eram os fatores que atuavam como constrangimento a outros conhecimentos, e como se poderia capacitá-las a remover tais constrangimentos. Utilizando este quadro de referência bastante amplo, o trabalho em Anukkavoor começou em 1999.

Inicialmente, cada voluntário foi requisitado a coletar informações sobre aspectos variados de sua vila, como educação, estrutura física, agricultura, facilidades relativas à saúde, etc. Nenhum formato de questionário foi pré-estabelecido. Durante este período, todos nós circulamos pelas vilas a fim de estabelecer conversas públicas com seus habitantes, sem uma agenda pré-determinada. Aproveitamos a ocasião para apresentar nossos voluntários e também para alertar os habitantes de que não prestaríamos nenhum tipo de serviço, como varrer as ruas, remover o lixo ou plantar árvores (um passatempo popular na Índia, entre políticos, estrelas de cinema e outras celebridades), nem construiríamos nenhum prédio ou estradas (a estratégia preferida pelo governo). Também dissemos a eles que não representávamos nenhuma ONG ou grupo missionário.

As enquetes iniciais e interações informais que os voluntários estabeleceram com os habitantes, especialmente os das "colônias", levantaram importantes questões. Durante este processo, tornou-se claro que, nos setores mais pobres da sociedade, havia uma grande falta de conhecimento acerca de temas relacionados a saúde, nutrição, meio ambiente e educação, especialmente entre as mulheres

*dalit*. As razões de tal situação estavam enraizadas em processos sócio-culturais, econômicos e políticos. A falta de um sistema de comunicação eficiente nas colônias *dalit* também contribuía para o problema acima. Os resultados que se seguiram a tais atividades, baseados na informação coletada, no conhecimento adquirido e na experiência coletiva dos voluntários, têm sido, até o momento, encorajadores. Algumas das principais características do processo e da ação que se seguiu até agora são dadas abaixo:

1) Decidiu-se promover um treinamento informal regular aos voluntários no campo em quatro áreas: nutrição, saúde, educação e aspectos sanitários. O treinamento não foi estabelecido a partir de um ângulo que privilegiasse a "ciência ocidental", ao invés de uma "ciência local tradicional". O treinamento foi concebido com base no fato de que era importante que cada mulher pobre pudesse avaliar os serviços gratuitos oferecidos pelo governo naquelas e em outras áreas correlatas. Devido à falta de conhecimento acerca de tais serviços, as pessoas raramente os usavam ou requeriam os serviços apropriados a cada caso. Isto levou a práticas inadequadas e ineficiência por parte dos funcionários de campo do governo, como, por exemplo, agentes de nutrição vendendo suplementos alimentares, médicos de centros de saúde que raramente visitavam os vilarejos e pedindo aos pacientes que fossem às suas clínicas particulares a fim de cobrarem por seus serviços, ou professores primários que raramente apareciam nas escolas. Assim, decidimos equipar os voluntários com o mesmo conhecimento básico que os funcionários de campo detinham, de forma que os habitantes da vila pudessem se tornar cientes do que ocorria naqueles centros e requerer serviços de melhor qualidade. Este treinamento foi precedido por uma compreensão aprofundada acerca daquilo que os habitantes da vila já sabiam e de quais eram as redes de comunicação locais existentes que efetivamente apoiariam a transferência de tal conhecimento básico.

2) A maioria das mulheres *dali!* não estava consciente da importância dos centros de nutrição e das razões pelas quais elas deveriam levar seus filhos a fim de conseguir suplementos nutricionais gratuitos e outros serviços. Na Índia, a desnutrição, moderada e severa, é uma das principais causas de mortalidade e morbidade infantil. *EmAnukkavoor*, a maioria dos centros de nutrição localiza-se dentro das vilas principais. Uma criança *dalit* deve andar ou ser carregada por, pelo menos, um ou dois quilômetros, no sol quente, a fim de chegar ao centro. As mulheres das vilas principais normalmente não enviam suas crianças aos centros se souberem que crianças *dalit* os frequentam. De forma a evitar complicações, os agentes de nutrição frequentemente ignoram as crianças *dalit*. *EmAnukkavoor*, através da lenta assimilação de conhecimentos sobre nutrição, nossos voluntários têm demandado que cada centro de nutrição forneça alimentos a todas as crianças *dalit* que se adequarem aos requisitos de tal serviço. Os voluntários acompanham as crianças em todas as atividades efetuadas pelos centros. Eles sabem como

monitorar o processo de pesagem, como avaliar a qualidade da comida e das atividades pré-escolares oferecidas pelo centro. Os agentes de nutrição de diferentes vilas foram solicitados pelos voluntários locais a admitir crianças *dalit*, mesmo diante da ameaça de boicote por parte de membros de outras castas. Felizmente, nada do tipo ocorreu. As mulheres das vilas principais não têm outra alternativa a não ser enviarem suas crianças para os centros de nutrição, dado que não há ninguém em casa para tomar conta das crianças quando elas vão para o trabalho.

3) Desvantagens relativas a gênero são mais aparentes entre as mulheres *dalit* e de outras castas não-Brâmane pobres. Frequentemente, estas mulheres trabalham como trabalhadoras rurais em obras públicas, como a construção de estradas, de prédios e a manufatura de tijolos. Em *Anukkavoor*, muitas mulheres que possuem pequenas rocas manuais dedicam-se à confecção de tapetes e são altamente exploradas pelos intermediários que vêm das vilas principais ou das cidades vizinhas. Para citar um exemplo, uma de nossas voluntárias *dalit* fabrica de um a três tapetes artesanais por semana e os vende por 12 rúpias a peça (cerca de U\$0,25) a um intermediário que os revende por cerca de quatro vezes mais. Ao induzir um voluntário a assumir o papel de marketeiro e apresentá-la a uma cooperativa local, a mulher eliminou o intermediário e consegue cerca de U\$ 1,25 por cada tapete. Os voluntários estão agora mais dispostos a aprender mais sobre as facilidades de crédito disponíveis, o papel dos mercados e do governo, assim como sobre programas de geração de renda financiados pelos bancos.

4) Altas taxas de analfabetismo nas colônias e *hamlets* desempenham um papel fundamental na não utilização de informação e tecnologia. Por exemplo, a introdução de técnicas novas e mais simples através do uso de tecnologia de baixo custo para a fabricação de produtos caseiros, como tapetes, cestas, tecidos, etc, disseminou-se entre as pessoas das colônias. A alta taxa de analfabetismo deve-se à alta taxa de evasão escolar entre as mulheres da colônia. Forçadas pela necessidade de trabalhar, e dada a ausência de escolas com turmas mais adiantadas próximo às suas casas!", da ausência de um sistema de transporte eficiente e da falta geral de dinheiro, as meninas tendem a deixar a escola antes de terminarem a terceira ou quarta série. Em *Anukkavoor*, o estudo dos voluntários mostrou que quase 70% das mulheres nas colônias *dalit* não passam da quarta série, comparado aos quase 60% de meninas das vilas principais que frequentam, pelo menos, até a oitava série. De forma a reverter esta tendência, muitos voluntários com níveis

---

13 Isto leva à questão do estabelecimento de alvos adequados nos diversos programas de desenvolvimento.

mais altos de escolaridade, decidiram ensinar gratuitamente, durante a noite, as crianças que tiveram que abandonar a escola. Tal esforço tem se mostrado bem sucedido. Em diversas colônias, uma média de 40 crianças têm frequentado estas aulas noturnas conduzidas pelos voluntários. Vejo nisto um processo de iniciativa local que se instala como resultado do conhecimento e reflexão sobre o assunto.

Exemplos como estes são muitos, e a cada dia surgem novas iniciativas na medida em que novas situações aparecem. Em junho de 2000, os voluntários decidiram celebrar o Dia Internacional da Mulher, o Dia Mundial do Meio Ambiente e o Dia Internacional das Crianças. Nenhum destes eventos foi organizado por uma ONG ou departamento de governo, e nenhum suporte financeiro lhes foi oferecido. Cada voluntário assume um papel e coleta dinheiro, organiza reuniões e eventos, como as celebrações acima. Até o momento, eles coletaram informação sobre idosos, sobre o grau de conscientização, entre os pobres, acerca de HIV/AIDS, vacinações, tuberculose, etc. Eles possuem o conhecimento necessário para coletar e analisar dados. Também conduziram encontros de um dia de duração para que os habitantes das vilas pudessem celebrar ocasiões como o Dia Internacional dos Direitos Humanos, Dia Mundial da Tuberculose e o Dia Mundial da Aids. É interessante notar que foi apenas após alguns meses de trabalhos como estes que os membros dos comitês locais começaram a demonstrar algum interesse. Alguns resistiram, mas muitos cooperaram. Os funcionários de campo do governo vieram vê-los e ficaram impressionados com o nível de conhecimento e auto-confiança que os voluntários apresentaram, um ano após o início do nosso trabalho. Muitos se surpreendem ao perceber que nenhuma ONG está desenvolvendo este tipo de trabalho, que não há nenhum financiamento para os processos de coleta e análise de dados, e que a ação tem partido de homens e mulheres dos grupos mais destituídos das vilas principais, colônias e *hamlets*.

O tamanho deste grupo entusiástico aumentou de uns poucos para mais de setenta no momento. Quase 70% de todos os nossos voluntários são *dalits*. Eles têm quebrado as barreiras de casta e as fronteiras das vilas e formaram grandes redes sociais; não têm nenhum escritório ou casa da qual operam; elegeram entre si quatro voluntários, quatro dos quais são *dalit*, para supervisionar e coordenar suas atividades. Todos os voluntários estão trabalhando em pequenos sítios, ou como trabalhadores agrícolas, alfaiates, tapeceiros, ceramistas, eletricitas, pastores, etc. Ainda assim, fazem questão de dedicar algumas horas ao seu trabalho voluntário.

Nosso trabalho está gerando notícias na mídia, mas as pessoas acham difícil descrevê-lo. Não existe um projeto, alvo ou tempo específicos. Nenhuma agência de financiamento está envolvida, e não há a presença visível de nenhuma ONG. Não há uma organização ou associação formal. É incrível que todo este trabalho esteja sendo feito em uma base puramente voluntária, e por voluntários



de diferentes castas, embora a maioria deles seja de origem *dalit*. Não há nenhum partido político formado em torno do trabalho, ou associado a ele; ainda assim, a maioria dos habitantes das vilas sabe de sua existência. Eles sentem que estão ganhando novas forças e auto-confiança ao participar deste esforço.

O trabalho no *Anukkavoor* também tem envolvido grupos de teatro folclórico locais, que têm se oferecido para se juntar ao grupo. Os artistas folclóricos sentem a necessidade de usar suas formas de expressão tradicionais para causas sociais mais importantes, e uma nova peça foi estreada recentemente por cinco grupos envolvidos no trabalho de *Anukkavoor*, em vinte vilas diferentes. Vejo nisto o potencial para desenvolver redes de comunicação locais de forma a dar suporte ao conhecimento, pensamento e ação que estão, pouco a pouco, desabrochando em *Anukkavoor*.

Hoje, cada voluntário tem um grande caderno contendo informações de causar inveja a todos nós. Estas informações dizem respeito aos diversos aspectos das vilas, desde seus aspectos físicos, população, infra-estrutura disponível na vila principal, nas colônias *ehamlets*, quem são os proprietários de terras, escolaridade dos habitantes, padrões de doenças entre as mulheres, crianças e idosos, passando por informações relativas aos festivais, crenças e mitos locais, casos de doença e morte, assim como suas causas aparentes. Os cadernos também contêm relatórios acerca das atividades desenvolvidas nos centros de nutrição, escolas primárias, sub-prefeitura (*vil/age sub-centre*), decisões tomadas durante as reuniões dos comitês das vilas, etc. A quantidade de dados nos cadernos de cada voluntário varia. Cada um deles adaptou técnicas diferentes para coletar e disseminar a informação. Talvez alguém ache que isto seja inconsistente, mas a adoção de qualquer método pré-determinado resultaria naquilo que a abordagem participativa tem feito. Geraria, mais uma vez, uma abordagem institucionalizada que dá ordens a partir daquilo que fontes externas acham sobre o que deve ser feito e como, o que se deve evitar, qual a duração da ação, etc. Esta nova abordagem é natural, multidimensional e holística. Para que se possa definir e compreender um conjunto de conhecimento, deve-se abordá-lo de perspectivas históricas, sociais, políticas, culturais, ambientais, psicológicas e médicas. Isto pode e deve ser feito pelas pessoas que, através do processo de busca da informação, descobrirão suas verdadeiras "necessidades". Elas se movem daquelas necessidades baseadas em suas experiências empíricas, para aquelas que não podem ser diretamente percebidas, apenas tornadas conscientes a partir do próprio processo de busca. Para mim, o trabalho do *Anukkavoor* tem mostrado que, quando tal consciência emerge, ou quando o tipo certo de conhecimento é tornado disponível, o pensamento e a ação se seguem de forma lógica e natural, sem a ajuda de auxílio externo ou de quaisquer métodos e objetivos pré-determinados pelos paradigmas de desenvolvimento.

## Conclusão

O trabalho do *Anukkavoor* tem gerado um novo ímpeto para uma idéia antiga - porém esquecida - segundo a qual auto-suficiência e demanda por direitos humanos básicos virá, desde que se aumente o nível de conhecimento dos mais desfavorecidos acerca de diversas questões que afetam a vida, isto é, desde que se aumente seu nível de conscientização. Este trabalho tem mostrado que aquilo que normalmente se percebe como um "problema", pode se revelar como nada mais do que uma impressão pessoal baseada em uma experiência empírica. No entanto, os mecanismos causais "reais" podem se revelar como bastante sérios ou mesmo absurdos. Fazer com que a comunidade perceba as razões reais de seus problemas, em contraposição às razões "perceptíveis", assim como capacitá-los com as habilidades necessárias para resolvê-los, tem sido o objetivo do trabalho do *Anukkavoor*. Os esforços empreendidos no *Anukkavoor* ainda está buscando a realização desta missão.

O realismo crítico tem ajudado ao insistir no fato de que existe um mundo "real" por trás de posições empiristas, relativistas e pós-modernas. Espera-se que empreendimentos como o de *Anukkavoor* tragam respostas importantes para os projetos emancipatórios do futuro.

## Refêrencias Bibliográficas

- BAYLY, Susan. (1998), *Caste, Society, and Politics in India from the Eighteenth Century to the Modern Age*. Cambridge, CUP.
- BECK, Brenda. (1972), *Peasant Society in Konku: a study of right and left sub-castes of south India*. Vancouver, University of British Columbia Press.
- BETEILLE, Andre. (1996a), "Castes", in Alan Barnard and J. Spencer (eds.) *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*. Londres, Routledge.
- \_\_\_\_\_. (1996b) *Caste, Class and Power: Changing patterns of stratification on a Tanjore vil/age*. Nova Deli, Oxford University Press.
- BHASKAR, R. (1975) *A Realist Theory of Science*. Leeds, Leeds Books.
- \_\_\_\_\_. (1989), *The Possibility of Naturalism*. Brighton/Hemel Hempstead, Harvester/ Wheatsheaf.
- CENSUS INDIA (1991), *1992 Registrar General of Census Operations*. Nova Deli, Government of India.

- CHAMBERS, Robert (1983), *Rural Development: Putting the Last First*. Londres, Longman.
- . (1992), "Rural Appraisal: rapid, relaxed and participatory". *Discussion Paper 311*, Institute of Development Studies, Universidade de Sussex, Brighton.
- COLLIER, Andrew. (1994); *Critical Realism*. Londres, Verso.
- DELIEGE, Robert (1997), *The world of untouchables: Paraiyars of Tamil Nadu*. Oxford, OUP.
- GEERTZ, Clifford. (1973), *Interpretation of Cultures*. Nova Iorque, Basic Books.
- KHAN, Mumtaz Ali. (1980), *Scheduled castes and their status in India*. Nova Deli, Uppal Publishing House.
- KOLB, David A. (1984), *Experiential Learning*, Nova Jersey: Prentice Hall.
- MICHAEL, S.M. (ed.) (1999), *Dalits in Modern India*. Nova Deli, Vistaar.
- MOFFAT, Michael (1979), *An untouchable community in south India: structure and consensus*. Nova Jersey, Princeton University Press.
- NFHS (1999), *National Family Health Survey: Round II, Preliminary Report*. Mumbai, Indian Institute of Population Sciences.
- PARTICIPATORY RESEARCH IN ASIA (PRIA). (1990), *Participatory Evaluation: Issues of concerns*. Nova Deli, Manohar.
- RICOEUR, P. (1982), *Hermeneutics and the Human Sciences*. Cambridge, CUP.
- RUDNER, David (1994), *Caste and Capitalism in colonial India: The Nattukkottai Chettiars*. Cambridge, CUP.
- SAYER, Andrew (2000), *Realism and Social Science*. Londres, Sage.
- SEARCH (1992) 'PRA'. *Search News* 7 (1).
- SINGH, K.S. (ed.) (1999), *Scheduled Castes*. Calcutá, OUP.
- SOLOMON, Robert C. (1987), *From Hegel to Existentialism*. Nova Iorque, OUP.
- TANDON, Rajesh. (1996), "The historical roots and contemporary tendencies in Participatory Research: implications for health care", in Korrie de Koning e Marion Martin (eds.) *Participatory Research in Health*. Nova Deli, Vistaar.
- TRAWICK, M. (1992), *Notes on love in a Tamil family*. Berkeley, University of California Press.
- WASHBROOK, D.A. (1989), "Caste, class and dominance in modern Tamilnadu", in Francine Frankel e M.S.A. Rao (eds.) *Dominance and State power in modern India: Decline of a social order*, vol.I. Nova Deli, OUP.